

Ministro descarta apagão em 2008 e 2009

O ministro interino de Minas e Energia, Nelson Hubner, disse ontem que não há risco de ocorrer um apagão elétrico em 2008 ou 2009. Sua afirmação contraria a do diretor-geral da Aneel, Jerson Kelman. Os dois foram chamados ontem para uma reunião com o presidente Lula. A ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff, também participou. Nenhuma informação sobre o encontro foi revelada. ● PÁG. B6

ESTADO DE S. PAULO

Abela na página A2.

QUINTA-FEIRA

10 de janeiro de 2008 - ANO 129. Nº 41722

JULIO MESQUITA (1891-1927)

DIRETOR: RUY MESQUITA

estadao.com.br

B6 ECONOMIA | QUINTA-FEIRA, 10 DE JANEIRO DE 2008 | O ESTADO DE S. PAULO

ENERGIA

Ministro contesta diretor da Aneel e descarta novo apagão até 2009

Lula convoca Hubner e Kelman para reunião, da qual participam também Dilma e Tolmasquim que estavam em férias

Leonardo Goy Gerusa Marques
BRASÍLIA

O ministro interino de Minas e Energia, Nelson Hubner, disse ontem que a afirmação feita na terça-feira pelo diretor-geral da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), Jerson Kelman, de que não é impossível um racionamento de energia este ano, expressa "a posição individual de Kelman e não reflete o pensamento da diretoria da agência". Hubner foi além e assegurou que não há risco de um novo apagão neste ano ou em 2009: "Está descartado um apagão elétrico em 2008 e 2009".

O ministro já chamou Kelman para conversar. Ele lembrou que o governo tem "vários espaços para debate", como o Comitê de Monitoramento do Setor Elétrico (CMSE), que tem reunião marcada para hoje à tarde. Criado após o racionamento de 2001, o CMSE é um órgão que tem como principal função acompanhar a situação do abastecimento de energia.

Apesar das declarações de Hubner, a situação preocupa o governo. Tanto é que no início da noite de ontem, depois da entrevista do ministro, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva convocou uma reunião com Hubner, Kelman e o diretor-geral do Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS), Hermes Chipp, para discutir o assunto.

A ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, que voltaria apenas amanhã de férias, também participou da reunião. Além dela, o presidente da Empresa de Pesquisa Energética (EPE), Maurício Tolmasquim, teve de abreviar suas férias para estar presente no encontro.

Fontes do governo que acompanharam a reunião informaram que Hubner, Tolmasquim e Chipp tentaram, durante toda

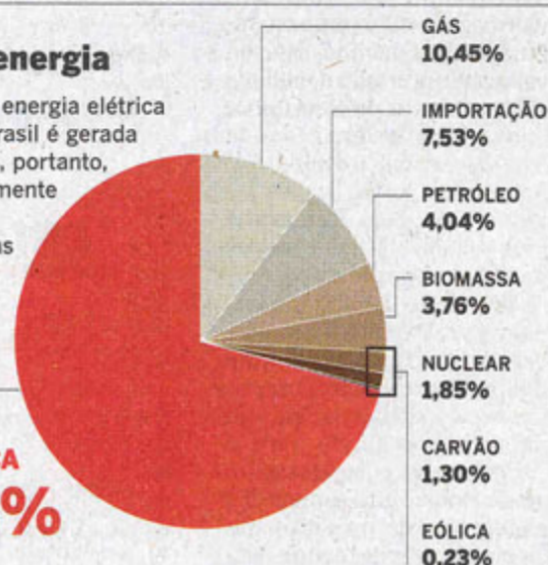
ALERTA

Sistema perto do limite

Fontes de energia

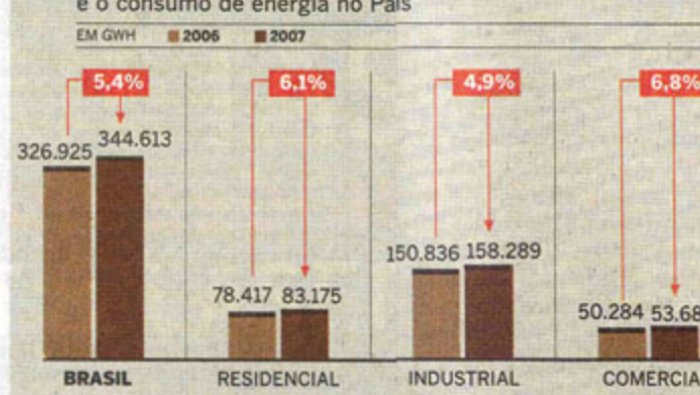
Mais de 70% da energia elétrica consumida no Brasil é gerada nas hidrelétricas, portanto, o sistema é altamente dependente do volume de chuvas

HIDRELÉTRICA
70,83%



Consumo em alta**

O aquecimento da economia aumentou o poder de compra e o consumo de energia no País



*Até o dia 7. **De janeiro a novembro. ***Nas Regiões Sudeste e Centro-Oeste. ****Na semana de 5 a 11 de janeiro.

FONTES: ANEEL, EPE E ONS

a conversa, convencer Lula de que as premissas usadas por Kelman para avaliar os riscos de racionamento estariam equivocadas. Nenhum dos participantes quis dar entrevista.

Segundo Hubner, o diretor da Aneel "colocou uma posição

individual dele". "Eu questioneei a diretoria da Aneel se era uma posição dele ou da agência. Disseram que não, que foi uma expressão individual do diretor e não uma posição da agência", reforçou o ministro, sobre as declarações de Kelman.

Para reduzir o risco de racionamento, governo acionou termelétricas em novembro. O custo de geração, mais caro que nas hidrelétricas, deve ser repassado para o consumidor na época de reajuste de tarifa

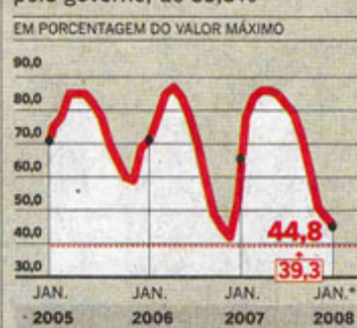
1 Pouca chuva

Na região Sudeste, onde estão algumas das principais hidrelétricas, as chuvas neste mês estão 47% abaixo da média dos últimos 76 anos

No Sudeste e no Centro-Oeste, a recuperação dos reservatórios das hidrelétricas ocorre no período que vai do fim de outubro ao fim de março

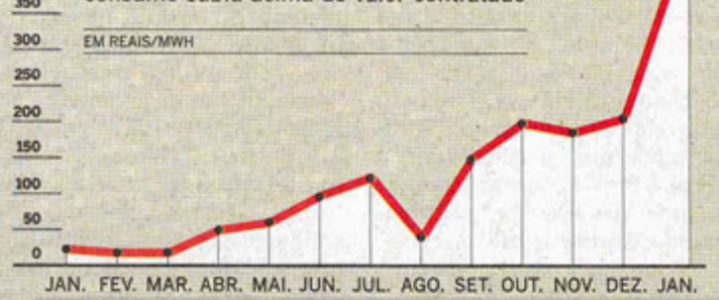
2 Volume em queda

Nível dos reservatórios no Sudeste e Centro-Oeste está próximo do mínimo fixado pelo governo, de 39,3%



4 Preços para empresas***

A energia no mercado à vista atingiu o maior nível desde 2001. Esse preço é cobrado de empresas que estão sem contrato de energia ou de empresas cujo consumo subiu acima do valor contratado



***Na semana de 5 a 11 de janeiro

FONTES: ANEEL, EPE E ONS

Para Hubner, apesar de os reservatórios das hidrelétricas estarem baixos, não há motivo para alarde em relação à situação do fornecimento de energia elétrica no País. Segundo ele, o quadro atual é diferente de 2001, quando ocorreu o raciona-

mento. "A situação atual é bem diferente daquela. Nós criamos mecanismos para evitar que aquilo se repita."

O ministro reconheceu que no último trimestre de 2007 o ciclo hidrológico foi desfavorável e houve retardamento das

chuvas. Mas ele lembrou que o País está apenas no décimo dia do período em que normalmente chove com mais intensidade, que vai de janeiro a abril.

Segundo Hubner, as usinas termelétricas foram acionadas para garantir a segurança do sistema elétrico. Ainda de acordo com Hubner, como o período das chuvas está apenas no início, se mais adiante o governo chegar à conclusão que o nível dos reservatórios continua abaixo do ideal, mais termelétricas poderão ser acionadas.

Ele disse que o governo já tem um plano de contingenciamento de gás e, se necessário, poderá transferir às termelétricas o gás utilizado pela Petrobrás para consumo próprio, por exemplo. Qualquer medida, porém, levará em conta várias questões, como evitar alta no preço da energia para a população.

"Se caminharmos para uma situação de emergência, que não é o caso, todas as medidas seriam tomadas", disse Hubner. Segundo o ministro, o fornecimento de gás às termelétricas já está excedendo as cotas previstas no termo de compromisso firmado em maio do ano passado, entre a Petrobrás e a Aneel.

Hubner ironizou os analistas que criticam a política energética do governo e afirmam que haverá problemas no fornecimento de energia. "Tem analista para tudo. Faz cinco anos que eu estou no governo e todo ano tem gente dizendo que vai faltar energia. E não faltou."

O ministro garantiu que o governo fará um acompanhamento permanente das chuvas ao longo deste mês, mas somente no fim de janeiro será possível avaliar com mais precisão qual é a situação de capacidade de geração hidrelétrica do País. ●

➔ Mais informações nas páginas A4 e A5

Indústria já estuda medidas para evitar prejuízos de 2001

Entidade vai se reunir com ONS para conhecer a real situação do sistema

René Pereira

Os grandes consumidores de energia elétrica já estudam um conjunto de medidas para aliviar o estrago de um possível racionamento este ano. Segundo o vice-presidente da Associação Brasileira de Grandes Consumidores Industriais (Abraice), Eduardo Spalding, a entidade deverá se reunir amanhã com o Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS) para conhecer a real situação do setor.

O objetivo é evitar os prejuízos que as empresas tiveram em 2001, quando foram obrigadas a reduzir de forma significativa o consumo de energia, diz ele. "Além disso, se houver um programa de racionamento, queremos participar da formação." Spalding lembra de uma regra usada em 2001 que, se necessário, poderia ser adotada agora. Trata-se de um certificado que permitia a algumas empresas reduzir mais o consumo e repassar para outra a fatia economizada.

O sócio da comercializadora Comerc Energia, Marcelo Parodi, afirma que as empresas estão preocupadas com o rumo do setor nas últimas semanas. A escassez de água nos reservatórios das hidrelétricas causou uma alta no preço da energia vendida no mercado à vista e deixou muitos consumidores em situação delicada.

Segundo ele, o contrato de várias companhias venceu no fim de 2007 ou vence nos próximos meses. Para ter energia, elas estão tendo de pagar R\$ 475 o megawatt/hora (MWh). Isso se

acharem um gerador com eletricidade para vender. Caso contrário, elas têm de ficar expostas à multa da Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE), de mais R\$ 475.

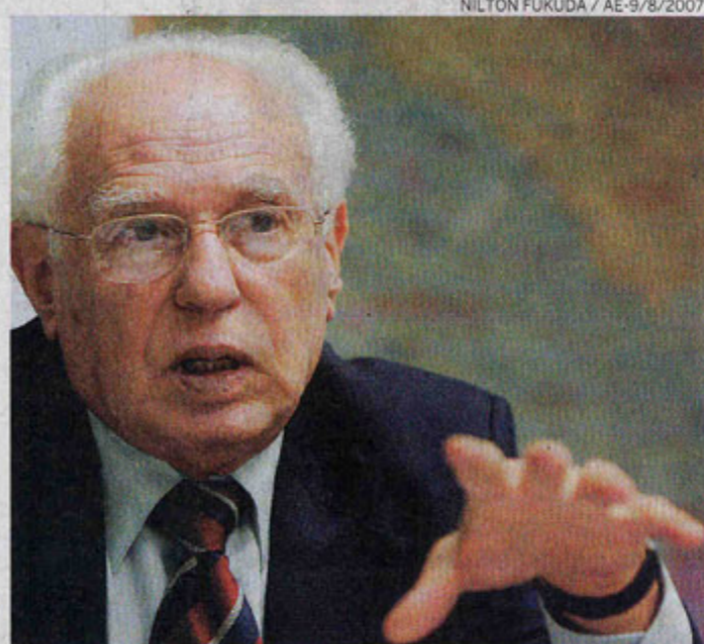
"Isso pode provocar uma onda de inadimplência na CCEE ou incentivar aquelas empresas que ainda têm uma parcela de energia contratada a reduzir a produção, vender a sua energia no mercado à vista e lucrar com o preço elevado."

GÁS NATURAL

O presidente da consultoria Andrade & Canellas, João Mello, acredita que uma solução para evitar um possível racionamento está na oferta de gás natural. "A discussão agora é quem vai levar o gás: a indústria ou o setor elétrico. É preciso haver um compartilhamento do insumo."

No Rio, as indústrias já temem nova falta de gás natural em fevereiro, por causa da prolongada estiagem, que vem reduzindo os níveis dos reservatórios das hidrelétricas. Em carta enviada ao Ministério de Minas e Energia, a Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan) alerta para o risco de repetição dos problemas ocorridos no fim de outubro de 2007, quando algumas empresas tiveram o fornecimento cortado, e pede mais agilidade nos investimentos para ampliar o suprimento de gás.

Segundo cálculos da entidade, cada dia de suspensão no fornecimento de gás resulta em prejuízo de R\$ 19,6 milhões para a indústria fluminense. ● COLABOROU NICOLA PAMPLONA



NILTON FUKUDA / AE-9/8/2007

ALERTA - "Estamos em dificuldades sérias", diz Goldemberg

Goldemberg pede racionalização

O professor do Instituto de Eletrotécnica e Energia da USP e ex-ministro de Ciência e Tecnologia José Goldemberg afirmou ontem que o governo deveria adotar um programa de emergência de racionalização de eletricidade que deveria envolver residências e, sobretudo, empresas.

"Estamos enfrentando dificuldades sérias de desabastecimento de reservatórios de hidrelétricas em função de falta de chuvas. Precisamos ter consciência de que o problema é grave e é relevante adotar soluções rápidas, que são possíveis e podem nos livrar de um racionamento."

Para Goldemberg, a perspectiva de falta de energia é menor que em 2001, quando havia necessidade de cortar 20% do consumo. "Agora, se pouparmos 10%, poderemos superar os problemas que podem ocorrer já neste ano."

Segundo ele, contudo, é fundamental que o governo deixe claro para a população o quanto é necessário poupar eletricidade. "É impressionante a quantidade de lâmpadas incandescentes usadas por companhias, que poderiam ser substituídas por similares mais eficientes." ● RICARDO LEOPOLDO

Inpe também alerta para racionamento

Para pesquisadores do instituto, estiagem é a pior dos últimos 4 anos

Simone Menocchi
CACHOEIRA PAULISTA

A falta de chuvas durante o verão - que ainda está na metade nas Regiões Sudeste e Centro-Oeste do País - preocupa os pesquisadores do Centro de Previsão do Tempo e Estudos Climáticos (Cptec/Inpe). Numa avaliação feita ontem, foi detectado que a situação de estiagem é a pior dos últimos quatro anos, e a energia armazenada em reservatórios é a menor também no mesmo período.

"Estamos operando com apenas 30% da capacidade, segundo dados do ONS. Se continuar dessa forma, sem chuva, haverá racionamento", alerta o pesquisador Marcelo Enrique Seluchi, chefe de operações do Cptec/Inpe, referindo-se ao Operador Nacional do Sistema Elétrico. Segundo Seluchi, a estação chuvosa está muito fraca. Em dezembro, por exemplo, choveu, em média, cerca de cem milímetros a menos nas regiões de São Paulo, Minas Gerais e Rio.

"A situação é grave porque choveu pouco em Minas, onde está a nascente do Rio São Francisco, e em São Paulo e Mato Grosso do Sul também, onde estão as nascentes do Rio Paraná." O Rio Paraná abastece a Usina de Itaipu, considerada a maior hidrelétrica em operação no mundo.

A média de chuva dos últimos 30 anos para dezembro é de 250 milímetros por metro quadrado. Se dezembro foi ruim, a previsão para janeiro não é das melhores. "Nos primeiros oito dias, já vemos que

está deficiente. Choveu menos do que deveria. Cerca de 60% menos em Minas e 40% menos em São Paulo e Mato Grosso do Sul." De acordo com o especialista, o problema já se arrasta desde o ano passado. Em 2007, a estação chuvosa terminou mais cedo, em fevereiro.

"Não tivemos chuva em março, não houve as águas de março", diz o pesquisador. Também no ano passado, a estação das chuvas, que deveria começar em outubro, começou um mês depois. "No início do ano passado, a situação era boa, mas a água foi acabando, os reservatórios baixando e acreditávamos que pudesse chover. Agora, se não chover nos próximos dois meses, entraremos numa situação perigosa".

Frentes frias de fraca intensidade, chamadas de Zonas de Convergência do Atlântico Sul (ZCAS) - fenômeno que provoca a instabilidade do tempo - e até pancadas de chuva de verão diferentes, mais fracas, são apontadas como características dessa estiagem. De acordo com Seluchi, a pressão atmosférica está muito alta e faz com que o ar desça em direção à terra, em vez de subir para formar as nuvens. "Isso inibe a formação de chuva. Para chover, é necessária a ascensão do ar."

O fenômeno La Niña, que é a redução da temperatura média das águas do Pacífico Equatorial, que neste ano atua sobre o planeta, também pode estar associado à estiagem. "Em 2001 também tivemos o La Niña e choveu menos. Pode ter alguma influência", diz Seluchi. ●